

BIBLIOTECA ESCOLAR E LEITURA EM TEMPOS DE MUDANÇA

Tatiana Sanches

069

Resumo

Apresenta-se uma reflexão sobre a contribuição da biblioteca escolar no ensino-aprendizagem, sobre a leitura e os novos suportes de leitura e todo o contexto actual que transformou o paradigma papel nos ambientes digitais e sua influência nos jovens leitores.

Biblioteca escolar e aprendizagem em tempos de mudança

Em tempos de mudança, importa perceber o contexto em que estamos e como nos podemos melhor preparar para essa mudança e, havendo aspectos que permanecem, serão esses onde podemos encontrar alguma segurança, quiçá algumas certezas, para de forma confiante abraçarmos novos desafios.

Desde que a Rede de Bibliotecas Escolares se começou a implementar que as bibliotecas assumem um papel central na vida das escolas. São o coração da escola.

Se considerarmos levar esta metáfora ao extremo, podemos pensar num coração que pulsa e impulsiona, num coração que faz circular (conhecimento, informação, aprendizagem) e cria redes de circulação, que alimenta, vive e faz viver. Que marca o ritmo e dá qualidade de vida à escola... que acompanha os tempos de pausa, de frenesim, de muita ou pouca actividade, mas que está lá sempre. E que é sempre o espelho do corpo (essa estrutura macro) que é a escola.

A esta relação simbiótica se refere também Barbara Stripling (1996), quando enuncia que "The quality of school of library media programs is inextricably linked to the quality of education offered in the schools". De facto, torna-se uma evidência para quem conhece algumas bibliotecas escolares e de alguma forma as escolas acolhedoras, que estas estruturas são reflexo umas das outras, do seu corpo docente, do seu corpo dirigente.

Ao assumirmos que o enfoque da escola deverá estar na aprendizagem, numa pedagogia facilitadora da aprendizagem, compreendemos que na biblioteca escolar é imprescindível que esta preocupação esteja também aí presente. E se estendermos esta ideia até à qualidade

(entendida aqui como qualificação e excelência de resultados), teremos de concordar com aquela autora, quando refere que é necessário criar uma cultura de qualidade, em que a escola esteja centrada na aprendizagem.

070

Assim, a biblioteca escolar deverá, ela própria, ser o centro de aprendizagem (e auto-aprendizagem) por excelência, pois ela é a porta de acesso, o centro dos recursos, a fonte onde todos (docentes, não docentes e discentes) podem beber e partilhar, independentemente da turma a que pertençam, da disciplina que leccionam, do ano que frequentam, pois o acesso é livre e a aprendizagem é auto-referenciada, cada um irá andando ao seu ritmo, pesquisando o que quer, onde quer, através dos meios tradicionais ou das tecnologias de informação e comunicação mais inovadoras.

O papel do profissional que gere a biblioteca escolar passa assim por ser o de facilitador, tanto na forma como se propõe organizar e disponibilizar os fundos documentais, como na maneira como interage com os seus utilizadores, formando, dando achegas, ajudando. Estando lá. E porque estamos numa era em que a mudança é constante, o bibliotecário escolar ou o professor bibliotecário (tal como o organismo escola) deverá ser permeável a essa mudança, adaptável e flexível perante as novas formas de estar, de pesquisar, de trabalhar. E esta atitude deverá ser integrada e natural, facilitando assim essa valorizada aprendizagem centrada no aluno. Estas premissas encontram eco na atitude de valorização do aprender e do aprendiz, citada por Glória Dante (1999), quando se refere ao "valor-conhecimento" ou "valor-inteligência" descrito por Sakaiya como uma nova forma avançada do estar social. Este estar "valorizante", que potencia o que de melhor existe em cada um é também a chave para a boa gestão, ou, nas suas palavras, uma gestão feliz.

Concluimos, então, que as matérias se interpenetram, uma vez que quando se pretende qualidade na aprendizagem, pretende-se qualidade na biblioteca escolar e isto passa por colocar o aluno e as suas necessidades em local central no processo de aprendizagem, mas quando queremos uma biblioteca escolar de qualidade, queremos também uma biblioteca que obtenha um resultado feliz e "la felicidad no la deciden las magnitudes, sino la calidad (...). Además el éxito/felicidad es objeto también de gestión."

Ou seja, a melhoria contínua é transversal à instituição escola, à biblioteca escolar e ao actor da comunidade escolar, em especial ao aluno-aprendiz, e em todas estas frentes esta melhoria só se faz com a avaliação consequente, o investimento no crescimento potenciado (empowerment)

e com flexibilidade ou capacidade de adaptação. Só assim o coração pode manter-se saudável. E também com muito afecto, é claro.

Contudo, em tempos de mudança, é necessário estar atento a outros sinais, a outros recursos, a outros acessos à informação e ao conhecimento, no seio de uma escola aberta, a outras formas de olhar e gerir a mudança, fazendo com que a biblioteca escolar passe do mundo fechado ao universo infinito. Para tal, muito tem contribuído a instalação da Internet nas escolas e nas bibliotecas, em particular. Mas, se o advento da Internet permitiu uma proliferação de saberes e de formas de acesso ao conhecimento, uma multiplicação da edição nunca antes vista, foi também com a Internet que se recolocou a questão da exclusão social, espelhada nos conceitos relacionados com a info-exclusão, ao mesmo tempo que originava o muito ruído e a pouca pertinência de muitos dos seus conteúdos. A par, são inegáveis e já socialmente aceites e integradas as suas vantagens. Chegamos, pois, a uma nova etapa na mudança de visão da própria educação. Ou como referem Palloff & Pratt citados por José Manuel Moran, na introdução que faz ao artigo de AZEVEDO (p. 24), "uma mudança de paradigma com relação à maneira com que nos vemos como educadores, como vemos nossos alunos, e como vemos a própria educação. Não é um curriculum que estamos convertendo, mas a nossa pedagogia".

Assim, nesta mudança de paradigma operam diversos conceitos-chave da educação, não só aqueles que espelham os papéis dos actores do processo ensino-aprendizagem: aluno e professor, como todo o ambiente digital que oferece novas características contextuais para o processo educativo.

A formação online, por exemplo, extravasa as questões (também importantes) tecnológicas. Estas proporcionam as condições reais de aprendizagem, permitindo a partilha, a aprendizagem colaborativa, o encontro de pessoas distantes geograficamente, através das ferramentas como o chat, os fóruns, as listas de discussão e o próprio espaço considerado como a Sala de Aula Virtual (MORGADO, p.7). Mas estas são, quanto a mim, questões meramente técnicas ou logísticas relativas aos ambientes digitais.

A formação online, tal como muitos outros recursos digitais postos ao serviço da aprendizagem (blogues, wikis, ...), acrescenta e questiona algo mais profundo relativamente aos papéis do aluno e do professor. Questiona os métodos, as posturas mais passivas, a acomodação, a gestão pessoal do tempo, o sentido do dever. Questiona até as personalidades ou as formas de estar em comunidade e as formas de ensinar e de aprender.

É acrescenta. Acrescenta reflexão, acrescenta dúvida, acrescenta trabalho individual e colectivo. Acrescenta flexibilidade e maturidade intelectual. Acrescenta interdisciplinaridade e interacção, pois toda a aprendizagem é de responsabilidade partilhada, mas é apenas conseguida quando o indivíduo está predisposto a aprender o que na realidade já conhece, a colocar de forma visível o seu conhecimento e, assim, completar o seu processo de aprendizagem individual. A partilha, no âmbito de uma comunidade de aprendizagem online, é valorizada, pois, se é certo que o papel do professor é o de moderar, dinamizar e ter em conta todos os aspectos pedagógicos, de gestão, sociais e técnicos (veja-se MORGADO, p. 11), o papel do formando e o seu posicionamento relativo é a chave da aprendizagem, de uma forma que se deseja integrada.

É este papel-chave, centrado na pessoa que aprende, num contexto digital em permanente mutação, em colaboração activa dentro de uma comunidade virtual que torna, quanto a mim, a formação online quase uma metáfora para a pós-modernidade.

É aqui que ocorre a ruptura dos modelos epistemológicos anteriormente aceites, ruptura esta que se faz precisamente a partir dos contextos de descontinuidade (espacial, temporal, conceptual...), tendo como pano de fundo o pluralismo teórico e os diversos contributos dos membros da comunidade virtual. As mutações dos conceitos (o que é afinal a pedagogia, o ensino, a aprendizagem?; o que é uma aula, o que é um aluno ou um professor?), antes formulados como certezas, intensificam a necessidade de reflexão, a necessidade de entender a "realidade" agora fragmentada em termos temporais e espaciais.

Mas se vivemos nesta era de transformação, numa era pós-moderna que não é mais do que uma "nova forma de racionalidade pluralista e frutiva" (GATTI) só nos resta "mergulhar na água e aprender a nadar", fruindo as aprendizagens, tirando prazer da diversidade, partilhando o pensamento plural. E aprendendo assim, de forma privilegiada porque diversificada, na biblioteca escolar.

Leitura e jovens leitores em tempos de mudança

Para reflectirmos sobre a leitura, os novos suportes da leitura e todo o contexto actual que transformou o paradigma papel nos novos ambientes digitais, teremos de recuar um pouco e compreender a incontornável influência que tem a concepção social da criança e do jovem na produção literária para estes destinatários. De facto, as mudanças nos textos destinados às crianças e jovens, visivelmente observáveis durante os últimos 50 anos, foram resultado, em

grande medida, de grandes mudanças sociais operadas pela consciência que as "pedo-ciências" trouxeram. Estas observações introduzem o que, no nosso entender, é a questão fulcral levantada por Teresa Colomer:

073

"La visión de la infancia como un tiempo de aprendizaje es uno de los elementos básicos para la emergencia de un sistema educativo progresivamente generalizado a toda la población y ampliado en el período de edad que debe abarcar. (...) Este proceso ha conllevado una enorme ampliación del público lector y, por consiguiente, el crecimiento del público potencial del libro infantil que ya incluye la primera infancia y los adolescentes (...)."

O que é aqui evidenciado é que a influência do ensino obrigatório em particular, e do sistema de ensino, em geral, é determinante na produção editorial infanto-juvenil. Isto é, quanto mais jovens existem no sistema escolar obrigatório, maior será um potencial público-alvo para os editores. Assim, ao haver obrigatoriedade escolar até mais tarde, terá sido necessário fomentar a edição de livros escolares, que propiciaram novas leituras e novos leitores que por sua vez se tornam consumidores mais habilitados requerentes de outros produtos, entre os quais livros.

Esta situação só se torna visível à distância de algumas décadas e, no caso actual, podemos arriscar dizer que ainda não se operaram mudanças substantivas. Em Portugal, só nos últimos cinco anos ou, quando muito, na última década, começou a surgir uma edição visível (na maior parte resultado de traduções) especificamente dirigida a públicos juvenis.

Relativamente aos novos ambientes digitais podemos fazer um raciocínio semelhante. Se os conteúdos, as apresentações, os produtos e as actividades, no fundo, os próprios contextos digitais não estiverem preparados para traduzirem uma adequação a este público, a recepção irá com certeza ser deficitária e todas as promessas de "El Dorado" que estas poderiam trazer ficarão comprometidas, concentrando-se o seu papel apenas nos factores que podem contribuir para as clivagens e desigualdades sociais, mais agravadas quando falamos de crianças e jovens.

Será importante percebermos que todas as destrezas necessárias para o domínio da técnica de leitura (descodificação, compreensão, classificação, abstracção, bem como outros processos cognitivos avançados que concorrem para a interpretação e aplicação das aprendizagens em contextos futuros diferentes) serão, por sua vez, um primeiro patamar em que assentam novas

capacidades e destrezas (de comunicação, construção discursiva, investigação) necessárias no ambiente digital.

074

Ao reflectirmos nos aspectos da leitura em toda a sua extensão: desde a leitura íntima, passando pela leitura como busca (de informação, de formação, de prazer), à leitura como aposta social e participação do cidadão ou à leitura como promoção individual permanente, importa referir que estas ganham nova dimensão e acarretam renovadas preocupações quando as transpomos para o ambiente digital. Pois, se é um facto que muitas das formas de leitura (e de escrita) são a simples migração do suporte escrito para o suporte electrónico, potencialmente existem muitos processos cognitivos que poderão ser estimulados por via do uso das plataformas hipertextuais, da busca de informação online, das novas práticas comunicativas e, inclusivamente, das possibilidades de criação de outras identidades, por isso, de contextos experimentais diversos dos habituais.

Daí ser muito importante que o educador, professor, bibliotecário ou outro mediador de leitura adeque o seu trabalho ao nível do funcionamento actual do aprendiz. O mesmo é dizer que as leituras que estimulam os jovens diferem de acordo com o seu estado de desenvolvimento psicossocial, contextos sociais e de aprendizagem e que o trabalho de mediação da leitura nestas idades deve centrar-se exactamente na adequação.

Como referem Sprinthall e Collins:

“Ao longo do desenvolvimento, a passagem para estádios mais complexos depende da adequação das condições de aprendizagem ao nível real de funcionamento do indivíduo jovem, podendo-se, mais tarde, aumentar gradualmente a complexidade dos conteúdos que se ensinam. Este processo pode falhar em ambas as direcções: podemos ensinar de maneira ineficaz, quer subestimando os alunos, quer dificultando demasiado as tarefas, a ponto de ultrapassar as suas capacidades reais. (...) A questão (...) não é como acelerar, mas, antes, como impedir uma estagnação – como promover uma interacção estimulante que favoreça o desenvolvimento.”

Assim, o processo de incentivo à leitura, de acompanhamento ao desenvolvimento do leitor adolescente deverá, no nosso ponto de vista, passar por recomendações feitas com base em leituras experimentadas e ao consequente desejo de partilha, de tornar comum essa experiência. Daí que o papel de mediador de leitura passe necessariamente pelo ser leitor. Pois, apenas

junto do leitor em construção e do leitor constituído. Desde a fase da leitura descodificação, passando pela fase da leitura mecanização, à leitura interpretação e construção de sentido. O papel da escola é incontornável, pois é um facto que institucionalmente é à Escola que cabe o ensino da leitura, ou seja, a construção de competências leitoras, o ensino do código escrito e da sua decifração. Mas não podemos exigir à escola que cumpra este papel autonomamente, isto é, todo o contexto social deverá contribuir para elevar a exigência cultural e fomentar a partilha social. E isto só é possível fazer-se, no caso da leitura, com o papel activo das famílias e das bibliotecas, em uníssono com a escola.

As bibliotecas escolares deverão, então, propiciar as condições para o fomento da leitura, no seio das suas actividades de rotina, pois só quando os alunos se familiarizam com a decifração do código escrito e automatizam a sua leitura é possível entrarem no nível seguinte: o da literacia da leitura, em que conseguem extrair significado, criar relações intertextuais e extratextuais e formular ou produzir conhecimento próprio com base na leitura. E serão estes sofisticados processos cognitivos que lhes trarão capacidades para aprender de forma transversal quaisquer conteúdos curriculares. E será, então, este o contributo da leitura para o sucesso educativo e, por consequência, da biblioteca escolar para o desenvolvimento de cidadãos leitores.

Tatiana Luena Baptista e Sanches é licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, na variante de Estudos Portugueses e possui uma Pós-graduação em Ciências Documentais. É ainda Pós-graduada em Educação e Leitura, pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. É Mestre em Educação e Leitura com a dissertação de mestrado sob o tema grupos de leitura de jovens.

Tem trabalhado na área das bibliotecas públicas desde 1993, primeiro como técnica profissional e depois como bibliotecária. Nesta qualidade, coordenou, entre 2000 e 2006, o Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares da Biblioteca Municipal do Seixal e desde 2003 o Espaço Jovem da mesma biblioteca. Em 2005 assume as funções de Chefe de Divisão de Biblioteca e Arquivo Histórico Municipal do Seixal. Actualmente, coordena os pólos da Biblioteca Municipal do Seixal. Tem realizado actividade como formadora para professores, auxiliares das bibliotecas escolares e técnicos de bibliotecas.

Bibliografia

AZEVEDO, Wilson - **Muito para além do Jardim de infância: temas de educação on-line**. Rio de Janeiro, Armazém Digital, 2005. MORAN, José Manuel.
Consultado em:
<http://www.aquifolium.com.br/educacional/artigos/muitoalem.html>

COLOMER, Teresa - **La formación del lector literário: narrativa infantil e juvenil actual**. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1998, pp. 134-135.

DANTE, Gloria - **O éxito de la gestion o la gestion do êxito**. Consultado em:
<http://www.um.es/fcccd/anales/ad02/AD03-1999.PDF>

GATTI, Bernardete A. - **Pesquisa, Educação e pós-modernidade: confrontos e dilemas**. Consultado em:
<http://www.scielo.br/pdf/cp/v35n126/a04n126.pdf>

MORGADO, Lina - **O papel do professor em contextos de ensino online: problemas e virtualidades**. Consultado em:
<http://www.univ-ab.pt/~lmorgado/Documentos/tutoria.pdf>

SPRINTHALL, Norman A.; COLLINS, W. Andrew - **Psicologia do adolescente: uma abordagem desenvolvimentalista**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Serviço de Educação e Bolsas, 2003.